

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Ceiçeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha		Assignatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa	
Anno.....	48\$00	PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA	
Semestre.....	28\$00	Anno.....	8\$000
Trimestre.....	18\$00	Semestre.....	4\$800
		Trimestre.....	2\$000
		Mez (em Lisboa).....	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capas NA GARDEN-PARTY DE CARCAVELLOS: UM EPISODIO DO JOGO (Cliche de Benoliel) • Texto: QUEM É O REI DE PORTUGAL, 13 illustr. • A EXPOSIÇÃO DE AVICULTURA NO PARQUE EDUARDO VII, 7 illustr. • 10.ª CONFERENCIA TELEGRAPHICA: GARDEN-PARTY EM CARCAVELLOS E VISITA Á BATALHA, 18 illustr. • A MANIFESTAÇÃO MONARCHICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 19 illustr. • UMA SESSÃO SOLEMNE NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA, 1 illustr. • DOIS ARTISTAS PORTUENSES 7 illustr. • FIGURAS E FACTOS, 7 illustr. • VISITA DE S. M. EL-REI AO REGIMENTO DE LANCEIROS 2, 1 illustr. • • •

Agencia de Viagens



R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

ERNST GEORGE Successores

FORNECEDORES DA CASA REAL

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulares a preços reduzidos e com itinerário a vontade dos viajantes na SUÍSSA, ITALIA, FRANÇA, ALLEMANHA, etc. Viagens de re. reio no Mediterraneo e ao Cabo Norte (o Sol à meia noite). Viagens ao Egypto e à Terra Santa. Passagens para o Brazil e Rio da Prata. Cheques de viagem substituindo vantajosamente as cartas de credito.

PRISÃO DE VENTRE HABITUAL

ALOINA HOUDÉ

**ENXAQUECAS
FALTA DE APPETITE**

© A. HOUDÉ, 29, Rue Albouy, Paris, 9

DISCOS Simplex

De double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais variado e moderno repertorio em musica e canto dos melhores auctores nacionaes e estrangeiros. Marca registada, propriedade exclusiva de J. Castello Branco. — Preços excepçoes. Grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas. *Grand-deposit de discos e machinas falantes.* Pedir catalogos. J. Castello Branco, R. de S. Antão, 32, 34 e 82-Lisboa

L'Epil'vite

CREME EPILATORIA
prompta a ser empregada.
Resultado garantido

Permanente, dissolve instantaneamente as pennugens desengraçadas, a barba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo. Não produz borbulhas, não irrita a pelle e mais delicada
A. A. GRAZIANI, Pharm. de 1^a classe, 63, Rue Rambuteau, Paris.
Agente dep. Portugal: CURIEL & DELIGANT, 19, R. do Arco a Jesus, Lisboa.
Preço do frasco pequeno 800 Reals e do frasco grande 1.400 Reals.

ESGROFULA: CHLORO-ANEMIA

Authenticas (de Paris)

PILULAS DE BLANCARD
Exigir o verdadeiro Producto
(assinatura, etiqueta verde, e endereço)
XAROPE DE BLANCARD
(40, Rue Bonaparte, Paris (France).)
LYMPHATISMO: DEBILIDADE

o passado, presente e futuro revelado pela mais celebre:
chiromante e physionomista da Europa
MADAME BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chronomias, chronologia e physionomia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles Lambruze, d'Arpigny. Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 43, Rua do Carmo, sobre-loja — LISBOA. Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 rs. e 5\$000 rs.

PRINCIA VIOLET
NOUVEAU PARFUM
29, Bd des Italiens, Paris



INSTITUTO de belleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, belleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisíveis approvados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparelhos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza. Aguas e crèmes para branquear a pelle das mãos, luvas eapparelhos para o seu alfirmoseamento. Quem quizer conservar e embellecer a côr empregue todas as manhas os maravilhosos productos: **Loção Creme e Pó Klytia**. Instruções para o seu emprego. **Tintura vegetal** garantida e inoffensiva. **Loção capilar** para evitar a queda dos cabellos e para impedir o embranquecimento, dando-lhe a sua côr natural. **Depilatorio** perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa) para evitar os pelos e fazendo-os desaparecer completamente. O Instituto de belleza deseja ter agentes nas principaes cidades da Europa, preterindo casas perfumistas ou cabeleiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depósitos em todas as principaes cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O INSTITUTO DE BELLEZA lecciona e dá curso de tratamento e embellezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar.

26, Place Vendôme, 26 — PARIS

QUEM É O REI DE PORTUGAL

(Continuado do n.º 119)

A TRAGEDIA DO TERREIRO DO
PAÇO O DESFECHO PA-
THETICO DA DICTADURA
D. MANUEL E A MORTE
AS DUAS MÃES O REGRES-
SO ÀS NECESSIDADES A
PROCLAMAÇÃO UMA NOI-
TE SINISTRA

Com o decreto assignado na vespera—anniversario da revolta do Porto—a dictadura attingira o auge da prepotencia, já incompativel com a noção universal do direito politico nos tempos modernos. E' no proprio dia em que esse decreto temerario apparece publicado no *Diario do Governo*, que El-Rei D. Carlos deixa Villa Viçosa, a caminho de Lisboa.

Para bem se comprehender toda a significação do successo fatal que temos de narrar e poder integral-o na relação historica dos perturbadores acontecimentos que notabilisaram o consulado dictatorial do conselheiro João Franco, é indispensavel evocar, por mais que isso nos custe, o drama agitado em que vão surgir as personagens sinistras dos regicidas.

O conselheiro João Franco não era um homem do seu tempo. A essa circumstancia e á sua falta de tacto, que nunca lhe consentiu intervir sem conflicto nas contendas sociaes, se deve attribuir principalmente o fracasso estrondoso da sua obra. A sua arrebatada fé, a sua nobre preocupação de moralista, a sua severa monomania de parciomonia teriam obtido talvez os mais consideraveis resultados na educação civica do povo e beneficemente influido na regeneração politica dos partidos se o seu temperamento combativo o não houvesse desde logo impellido á violencia, o que imprimiu inludivelmente ao seu governo um perigoso caracter revolucionario. A verdade é que foi elle quem iniciou, provocou e propalou a revolução, transferindo o problema politico para um campo de batalha, onde teria de resolver-se pela força o que só pelo culto da patria, traduzido no respeito pela lei, lograria alcançar. Esse temerario duello entre a dictadura e o povo só podia finalizar na revolução ou no crime, como facilmente pre-



Sem Esposo e sem Pae
*Composição de Simoni, publicada na
«Illustration Française»*

vira o sr. conselheiro Julio de Vilhena.

O partido republicano nunca tivera em Portugal uma organização revolucionaria. O movimento de 1891, se bem que caracterisadamente republicano, era de natureza militar. Os seus elementos de combate saiam das casernas, equipados com os armamentos da nação. Ao governo do conselheiro João Franco cabe a triste gloria de haver provocado a organização revolucionaria de um partido que até ao seu advento resumira todos os seus esforços á propaganda doutrinaaria, alterando-a ameaçadoramente e creando assim esse perigo social que se chama um partido de revolução, um partido armado. Foi a dictadura, pelo abuso da força, que provocou a reacção pela força. O phenomeno, de tão vulgar que é, não carece de considerações justificativas. Em toda a parte e em todos os tempos, á oppressão correspondeu a reacção. E' uma lei historica, immutavel, que invariavelmente preside a todos os conflictos entre o povo e o Estado. Se a estas horas existe em Portugal um *partido revolucionario*, isso o devemos exclusivamente á impericia do governo franquista. Foram, sem duvida, os erros dos partidos monarchicos que crearam como correctivo e desenvolveram como protesto o partido republicano. Mas foi o franquismo que o organisou revolucionariamente.

Pode, sem receio de erro, afirmar-se que a idéa de republica só apparece pela primeira vez em Portugal, como aspiração deliberada e consciente, nos ultimos trinta annos do seculo XIX. A mais eloquente prova que d'isso nos dá a historia são as revoluções de 1820 e 1836. Qualquer d'ellas podia ter obtido, talvez sem effusão de sangue, o triumpho da republica. Ambas, entretanto, se filiaram na monarchia, limitando-se ás reivindicações liberaes com ella compatíveis. Precozmente levado pela fatalidade historica a um regimen de evolução para que não estava devidamente preparado, Portugal debate-se, desde 1834 até 1850, no mais turbulento dos noviciados liberaes. E só quando, aplacada a refrega e constituídos os partidos, a monarchia constitucional se consolida, que as opposições mais avançadas evoluem: para a republica. O phenomeno começa a esboçar-se depois de 1870.

mento reformista de critica, caracterisadamente humanista, que produziu no campo das artes e das letras a caricatura de Raphael Bordallo, o arrojado pamphletario do *Portugal Contemporaneo*, a analyse intrepida das *Farpas*, o pontificado comtista de Theophilo Braga e o romantismo declamatorio e ardente de Guerra Junqueiro. Esses reformadores representavam um papel eminentemente benefico na politica portugueza. Facil se tornava confundir o republicano e o monarchico n'essa ala combativa onde luctavam os professores, os poetas, os philosophos, os romancistas, os *dandys*, os historiadores e os jornalistas. Foi com parte d'esta nobreza intellectual que se inaugurou um partido que os erros da politica foram progressivamente empurrando da lucta pacifica das idéas para os arriaes tumultuosos da revolução...



Aspecto panoramico do Terreiro do Paço, onde

os protestos da collectividade contra as desordens da governação publica, não representava, entretanto, nenhuma ameaça contra a ordem social e muito menos um perigo imminente para o regimen dynastico. Não era uma revolução que se organisava; era uma evolução que se Esse movimento não trazia porém comsigo, do berço doutrinario, sérias garantias de triumpho. Uma idéa avançada não podia caminhar n'um paiz retrogrado. Assim, como consubstanciação de um protesto, vê-se o partido republicano engrandecer-se e reduzir-se alternadamente. Não tem vida propria. É dos erros e das calamidades da monarchia que elle vive. Um rei bem aconselhado teria mantido esse partido de doutrinaros como a facção parlamentar vigilante da obra administrativa dos governos. Presidido por homens da estatura moral e intellectual de José Falcão, Latino Coelho, Rodrigues de Freitas, Manuel d'Arriaga e Consiglieri Pedroso, o partido republicano portuguez, se consubstanciava enunciava. Filiava-se n'esse movi-

A questão dos tabacos, aggravada durante o ultimo consulado progressista e resolvida pelo ephemero gabinete regenerador que lhe succedeu, constituiu o verdadeiro tirocinio preparatorio das hostilidades que iam abrir-se com a dictadura funesta do conselheiro João Franco. Os excessos a que se deixou levar a imprensa na campanha dos tabacos transformaram a apathia portugueza n'uma febre borbuhante de paixões. O partido republicano evolue n'esse momento da phase doutrinaria para a sua phase combativa. A sua imprensa passa a ser declaradamente aggressiva. Essa propaganda violenta actua como um accesso febril n'um organismo debil. A desorientação vae avassallando a opinião impressionavel das cidades. Um governo moderado e habil, que respondesse á campanha dos republicanos com um vasto programma de administração, deixando ao tempo o cuidado de arrefecer as paixões politicas, teria facilmente obtido uma vez mais debellar o perigo e desarmar os inimigos perante

o anseio de paz, de trabalho e de progresso que dominava todos os espiritos. Infelizmente, foi para a lucta que o impeliu o temperamento do conselheiro João Franco. Sabido que a função do governo é de defeza e nunca de aggressão, ninguém de bom senso poderia deixar de vaticinar as funestas consequências d'esse inqualificavel erro politico. Foi o governo que, ateadno ao conflicto com a opinião publica, forçou o partido republicano a substituir o criterio evolutivo pela propaganda revolucionaria. Quem creou a revolução foi, de facto, o governo. O problema politico era puramente administrativo. O governo, imprudentemente, transformou-o n'uma questão de principios. Uma dictadura á Mousinho da Silveira podia, talvez, tel-o resolvido. O governo fez uma dictadura á Costa Cabral. Tendo por si

coisa a fazer: demittir-se. Obstinou-se em ficar. O Rei exigiu-lh'o? Que importa? O que vale a vontade de um rei perante a imposição irrevogavel do dever? N'essa hora de perigo, a obrigação do primeiro ministro era salvar o soberano, mesmo contra a vontade d'elle.

O golpe de que não se arreceava o regimen podia fazer tombar do throno o monarcha. A entrevista concedida ao jornalista Galtier e a anecdota do granadeiro, inconvenientemente divulgada, collocavam o soberano, ostensivamente, á frente de todo o movimento dictatorial. Temerario e valente, possuindo essa nobre, instinctiva coragem militar, que não mede o perigo, antes se engrandece e estimula com elle, o Rei não se temeu do posto perigoso que lhe era distribuido. O seu temperamento de bravo comprazia-se em commandar a campanha, cujo eleva-



foi committido o attentado de 1 de fevereiro

a força, não lhe seria desairoso contemporisar. Em vez de acalmar as paixões, excitou-as. Em vez de procurar apagar a fogueira, ateou-a, sem se lembrar de que, uma vez abertas as hostilidades, o direito feroz da guerra ia permitir aos fracos o recorrer aos mais odiosos recursos de defeza e de ataque. Pondo-se fóra da lei, implicitamente o governo desculpava perante a historia os excessos dos seus inimigos. A lucta não se feria mais entre o governo, representante e defensor da legalidade, e os que contra ella attentavam. De parte a parte luctava-se fóra da lei. A revolução existia tanto nas ruas como no governo. Mas a fatalidade como que se comprouve em agravar ainda o conflicto já gravissimo. De uma lucta de principios, a falta de tacto do dictador fez uma lucta de personalidades. N'essa hora funesta, os fracos equalaram-se aos fortes. Se era difficil luctar contra a monarchia, era facil luctar contra o rei. No dia em que viu a questão assim posta, o conselheiro João Franco só tinha uma

do premio era — d'isso o tinham convencido — a salvação da sua patria. Tendo-se sempre conservado alheio ás luctas politicas, o Rei entrava na refrega com todos os impetos generosos de uma iniciação. Subitamente, a politica interessava o. O conselheiro João Franco obtivera o milagre de transformar esse principe amavel e sceptico n'um governante apaixonado e energico, se bem que inexperiente, sem prever que o expunha ás represalias, como o cumplice responsavel de todos os seus desatinos. Era, emfim, em toda a sua plenitude, a politica do engrandecimento do poder real posta em execução!

O maior erro politico da dictadura foi esse: o de fazer intervir o Rei — ou permitir que elle intervisse, o que tudo é o mesmo, — n'uma lucta que inhabilmente provocára, distribuindo-lhe o mais improprio dos papeis n'esse drama politico: o de *responsavel* — quando a constituição prudentemente preservava o soberano decretando-lhe a irresponsabilidade. Desde essa hora, todas as faltas etodosos doli-

ctos do governo recaham sobre a corajosa cabeça do Rei. A dissolução illegal das Camaras, o conflicto sanguinoso de 18 de junho, as afrontas e as desconsiderações aos partidos monarchicos, o processo por sedição instaurado contra o chefe da dissidencia progressista e alguns dos seus amigos, contra antigos deputados regeneradores e contra os deputados republicanos,

gal do augmento da lista civil. O culto pela lei, com que victoriosamente se defendera dos primeiros ataques, repudiava-o em breve, lançando fóra o forte escudo que lhe garantia a invulnerabilidade. Póde em sua defeza invocar o conselheiro João Franco a impossibilidade que os acontecimentos lhe crearam de desenvolver dentro da legalidade a sua obra de re-



O ultimo ministerio
Uma reunião do conselho de
(CLICHÉ DE

de D. Carlos I
ministros no ministerio do reino
BENOLIEL).

os successivos diplomas illegaes coarctando liberdades garantidas pelo codigo fundamental, as suppressões dos jornaes, a exauctoração desdenhosa do Conselho de Estado, o decreto augmentando a lista civil e liquidando as dividas da Casa Real, a reforma da Camara dos Pares: todo esse crescendo temeroso de illegalidade e de odiosas medidas de excepção a que se aventurava o governo, aggravado ainda pela campanha de descredito da imprensa estrangeira, pela entrevista do *Temps* e pela pallida, mesquinha obra administrativa da dictadura, prepararam a atmosphera revolucionaria em que se debateu o governo do messianismo e de onde iam soltar-se os raios fulminadores do attentado.

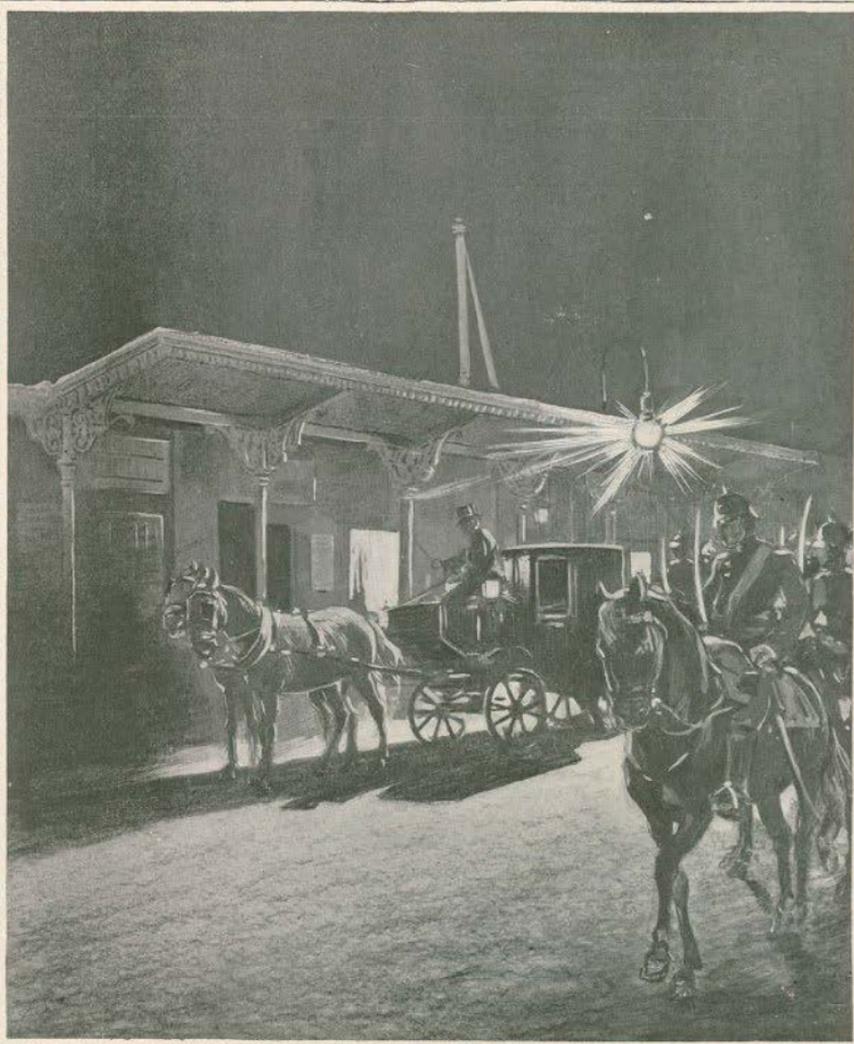
Dir-se-ha que esse governo, que tanto se encarniçava na lucta e tão imprudentemente a provocava, tinha uma alta missão de reforma a cumprir e que eram honrados os braços que brandiam as armas contra as ameaças republicanas e contra a colligação monarchica. Isso em nada attenua o crime politico da dictadura. Da sua obra administrativa, o unico diploma importante que o parlamento lhe votára, a lei da contabilidade, nunca foi regulamentada, nunca foi executada! O seu programma de moralidade não logrou desenvolver-se, quanto mais completar-se. Principiando por lançar na miseria pequenos funcionarios, o seu catonismo liquidou, entre o applauso da plutocracia, no decreto ille-

forma. E' n'esse reducto que a dictadura se refugia. Mas—ai d'ella!— mesmo ahi a irá buscar a justiça severa da Historia. Se o seu programma tinha por themas principaes o escrupulo, a economia, a moralidade administrativa, não carecia o governo, para o pôr em pratica, de abrir hostilidades com o paiz. Pelo contrario. O paiz seria o seu alliado. Mas foi exactamente a sua fallencia administrativa, a nullidade da sua pretendida obra de reforma, que lhe alienaram o apoio da opinião. O conselheiro João Franco andará a prégar, durante cinco annos, o reinado da legalidade, offerecendo-se ao paiz como um redemptor. E ao avêdo do que solememente promettera, o falso propheta trazia a tyrannia debaixo da capa. Em vez da paz, deu-nos a guerra; em vez da salvação, o regicidio! Porque este enorme ludibrio? Era por acaso o conselheiro João Franco um impostor? Não. Era um homem honrado. E mais ainda: era um homem bem intencionado. Comparou-o a Turgot um escriptor eminentissimo, talvez com pouca propriedade. A dictadura de Turgot fez-se contra os privilegios da corça e da nobreza, em beneficio do povo. Foi uma dictadura liberal. O conselheiro João Franco teve, ao contrario, a seu lado, a finança e a nobreza, esses encarniçados inimigos do ministro de Luiz XVI, e a sua politica revelou-se declaradamente liberticida. Foram as camarilhas de Versailles que derrubaram

Turgot. Foram as coleras populares que aniquilaram o conselheiro João Franco. A Turgot faltou um rei corajoso e forte como D. Carlos. Ao conselheiro João Franco faltou o genio administrativo do discipulo de Gournay, do verdadeiro fundador da economia politica. De Turgot tinha, quando muito, o dictador portuguez a teimosia obstinada, a fé resoluta, a preocupação moralista da parcimonia. Mas comparar o auctor

do decreto de 31 de janeiro com o auctor das *Cartas sobre a Tolerancia* não será comprometter, n'um sumptuoso gesto de rhetorica, a reputação veneravel da metaphora?

Seja porém como fôr, o certo é que da politica dictatorial do conselheiro João Franco resulta uma lição severa, terrivel e proficua. Ella vem demonstrar ainda uma vez o perigo de converter o Estado, instituição defensiva, n'um instrumento de lucta. Dentro



Chegada do ministro da justiça, de regresso de Villa Viçosa, na noite de 31 de janeiro

da sua função natural, o Estado é uma omnipotencia invulneravel. O mesmo se não dá na offensiva. Qualquer governo que se põe fóra da lei é um governo vencido. O exercito e a justiça só constituem forças inexpugnaveis quando empregados na defeza legal do Estado ameaçado. Suffoca-se uma revolução pelo preço do sangue. Não se resolve senão pelo culto da lei e o respeito da auctoridade a revolta clandestina e isolada dos espiritos. Contra os infinitamente pequenos as forças judicias e militares nada podem. Se é difficil derrubar um regimen, é facil exterminar os homens que o representam. O conselheiro João Franco, collocando-se fóra da lei, expôz-se temerariamente e expôz o soberano aos

golpes traiçoeiros dos inimigos. Sobre as suas duas cabeças convergiam todas as hostilidades na hora em que o comboio real atravessava o Alemtejo, trazendo o rei a Lisboa por essa mesma linha que na vespera outro acelerado comboio percorreria, conduzindo a Lisboa, na pasta vermelha do ministro da justiça, o decreto fatal de 31 de janeiro.

Entretanto, no paço das Necessidades, esquecido de todos os que luctavam, o Infante D. Manuel dava as suas lições de mathematica e de inglez... Como de costume, levantára-se ao lusco-fusco da madrugada. Na vespera, até ás dez e meia da noite, quando talvez os matadores de seu pae, n'um conciliabulo sinistro, concertavam o crime, elle ouvia, extasiado, o septimino de Beethoven e pedia a Rey Colaço que lhe tocasse algumas phrases do *Tristão e Isolida* — que pela primeira vez ia cantar-se no dia seguinte em S. Carlos. A alegria de rever os Reis seus paes e o Principe seu irmão desde pela manhã o trazia desattento. As quatro e meia, apesar do telegramma expedido de Casa Branca noticiando o atrazo do comboio, já o Infante estava na estação do Terreiro do Paço. A Rainha tivera redigido um outro tele-

gramma a dizer-lhe para não vir esperal-a... Inutilisára-o, com mysteriosa reluctancia, quando a convenceram de que a demora seria minima; e os seus dedos, ao rasgal-o, tremiam. El-Rei, por sua parte, vinha evidentemente apprehensivo.

Em contraste com as apprehensões do impavido monarcha, o conselheiro João Franco aparentava, mais do que nunca, estar persuadido da victoria. Para aquelles a quem essa despreocupação possa parecer condemnavel, seria necessario descrever-lhes o que vinha sendo, ha quasi dois annos, a vida exhaustiva do primeiro ministro. Essa fragil machina humana productora de energia trabalhava sob a mais alta pressão, ininterruptamente, havia vinte mezes. A physionomia do dictador accusava os estragos e temerosos d'esse tão gigantesco como inutil esforço. Por ultimo, perdera já a visao nitida das cousas. Era o touro arrojando-se cego contra o trapo vermelho, sob o qual o inimigo dissimulava a espada vingadora. As suas arremetidas nada haviam perdido da primitiva violencia. Mas já não avançava a direito. A cada passo tinha que parar na sua caminhada arquejante para afugentar os inimigos que lhe saiam aos atalhos. A sua vida era uma lucta permanente. Mal lhe chegava o tempo para acudir com a sua energia impetuosa a todos os incidentes que, a cada instante, vinham embaraçar a sua obra e distrahir-o d'ella. Era

um homem exgotado pelas emoções e pelo trabalho. Tendo nas suas mãos os fios conductores da espionagem policial, centralizando todos os poderes do Estado, elle era, no dia 1 de fevereiro, o homem peor informado do seu paiz. Não porque os seus delegados o não esclarecessem. Mas porque se achava temporariamente incapaz de obter a resultante logica dos acontecimentos pela sua justa avaliacao. Perdera, não a coragem, mas a calma. Convidado da grandeza e da efficacia da sua missao, persuadido de que a Providencia o



Os infantes D. Manuel e D. Affonso e o conselheiro João Franco aguardando na estação do Terreiro do Paço a chegada d'El-Rei, da Rainha e do Principe Real (CLICHE A. NOVAES)

saíam aos atalhos. A sua vida era uma lucta permanente. Mal lhe chegava o tempo para acudir com a sua energia impetuosa a todos os incidentes que, a cada instante, vinham embaraçar a sua obra e distrahir-o d'ella. Era um homem exgotado pelas emoções e pelo trabalho. Tendo nas suas mãos os fios conductores da espionagem policial, centralizando todos os poderes do Estado, elle era, no dia 1 de fevereiro, o homem peor informado do seu paiz. Não porque os seus delegados o não esclarecessem. Mas porque se achava temporariamente incapaz de obter a resultante logica dos acontecimentos pela sua justa avaliacao. Perdera, não a coragem, mas a calma. Convidado da grandeza e da efficacia da sua missao, persuadido de que a Providencia o

protegia, acreditava, com supersticiosa cegueira, na sua estrella. E' este singular estado de espirito que explica, alliado á bravura d'El-Rei, a falta de uma escolta e de um policiamento rigoroso no Terreiro do Paço, n'esta tarde fatal de 1 de fevereiro.

Eram 5 horas e 10 minutos quando o vapor atracou, finalmente, á ponte da estação. Apenas, ao de leve, principiava escurecendo. Ain-

da não era o crepusculo... e não tardaria a fazer-se noite eterna para o monarcha resolutivo e para o principe innocente, que desembarcavam sob o tumulto alado das gaviotas.

El-Rei, que aperta affectuosamente a mão leal do seu primeiro ministro, indaga se tem a precaver-se contra qualquer perigo. O chefe do governo, sem hesitação, responde que nenhum risco corre a Familia Real.



D. Carlos I, generalissimo do exercito portuguez
Quadro do illustre pintor Carlos Reis
(CLICHÉ DE ARNALDO FONSECA)

Pois não debelou elle a revolução? Não privou os sobreviventes elementos revolucionarios da sua coorte dirigente? O governo não esperava porém o trunfo temeroso, que o adversario ia jogar. Os ensinamentos da historia não o advertiram. Quando os matadores apaljavam os gatilhos das armas, o dictador suppunha ganhar a partida e não contava com a replica fulminante do crime ao decreto da vespera.

Então, terminados os cumprimentos do corpo diplomatico e da côrte, El-Rei entra para a carruagem, que ia ser o inglorio patibulo de um valente. Os batedores picam os cavallos. O landau parte a meio trote. Como da pragmatica, El-Rei dava a direita á Rainha, o Infante D. Manuel dava a direita ao Principe Real.

As apprehensões do Rei pareciam desvanecer-se. A Rainha sorria dos seus presagios e ia contar a D. Manuel que tivera redigido em Casa Branca um telegramma dizendo-lhe para não vir esperal-a. Essa familia está toda entregue á alegria de vêr-se reunida. Subitamente, ao passar a carruagem em frente do ministerio da Fazenda, ouve-se um pequeno estampido, como de um tiro que falhou. El-Rei volta-se, com essa vigilante acuidade do caçador, que lhe assignala a caça ao quasi imperceptivel rumor de um fremito na folhagem... Mas a emboscada agora é contra elle! Uma saravada de balas cae sobre essa familia incauta, como sobre uma alcaetea de lobos, n'uma revindicta impiedosa, feroz, inexoravel... N'um praso instantaneo de segundos, uma bala termina, subito, um reinado. Attingido na nuca, El-Rei, já morto, como um leão fulminado, pende a cabeça sobre o peito. Então, louro, com a formusura juvenil de um archanjo, o Principe Real ergue-se, transfigurado, no heroico assomo de um guerreiro. E' o seu ultimo gesto de belleza, gesto improfiquo de heroe n'uma batalha. Outra bala vem dilacerar-lhe a face pallida... E só ficam de pé,

no meio da refrega, a Mãe desvairada e intrepida, meneando como arma de guerra um ramalhete de filôes, e o Rei de agora, estancando com o lenço o sangue do irmão idolatrado, que lhe lega o throno e a sua corôa de espinhos... O cocheiro fustiga os cavallos e a carruagem, transformada n'um feretro, toma por entre o panico o caminho do Arsenal, seguida pelo Infante D.

Afonso, que de revolver em punho defende os nobres restos de uma dynastia de dois seculos e meio.

Para que precisar os contornos e detalhar os pormenores do pathetico quadro, que a Historia um dia terá de intercalar nas suas paginas severas, com a versão definitiva que só o tempo purificará nos seus filtros morosos? Não foi para a sensacional narrativa do tragico successo que encaminhamos esta biographia minuciosa de um Principe. Quando um Oliveira Martins ou um Pinheiro Chagas do futuro, senhor de todo o dossier da tragedia e distanciado d'ella pelo tempo, que serena as

paixões humanas e desannuvia os horizontes da Historia, abrir o capitulo emocionante que chronologicamente principia na tarde de 1 de fevereiro de 1908, terá deante de si, incontestavelmente, uma das passagens mais trabalhosas da sua narrativa, a que mais o convidará á meditação, a que mais ensijos lhe oferecerá para dissertar sobre a fatalidade historica e que ha de arrastal-o, por momentos, a essa metaphysica romanescas em que tanto se comprazia o novellista genial da *Vida Nun'Alvares*. O funebre capitulo provavelmente começará com a evocação da grandiosa praça, onde teve o seu paço, no apogeu das navegações e das conquistas, o primeiro rei D. Manuel; praça como nenhuma outra de tradições gloriosissimas, onde estrondearam os torneios de gala, onde desfilaram os cortejos reaes, onde reboaram os lamentos dos autos de fé; chão sagrado pela historia de quatro seculos, que viu desembarcar Filipe II de Hespanha e estatelar-se



O conselheiro João
Ferreira Franco Pinto
Castello Branco

(CLICHÉ BOBONE)

nos seus lagedos o corpo de Miguel de Vasconcellos; praça onde ha quasi um seculo se centralisa a vida politica da nação, onde desembarcaram com Passos Manuel os deputados setembristas, e onde, com tanto regosijo e tanto fausto, o defunto monarcha, director invisivel e salutar da nossa politica internacional, esperou com seus côches e bergantins theatraes, os imperadores, os alliados, as rainhas e os reis... Quantas vezes, n'esse Terreiro do Paço, palco de tanta gloria, o meu olhar de incorregivel devaneador se immobilou na estatua equestre de D. José e no medalhão do seu ministro inflexivel para evocar o grande lance feroz d'esse outro, frustrado, regicidio: o patibulo de Belem a escorrer sangue, a marquezia de Tavora inclinando sobre o cêpo a cabeça

espectros funestos, personagens d'esse theatro de horrores, onde ha, no reinado de D. João IV, um mercador opulento chamado Baeça, e no reinado de D. Carlos I um professor de instrucção primaria chamado Buíça! Occorrer-lhe-hão as coincidencias propheticas, esses indistinctos murmurios do destino que o tempo engrandece e eccoam na Historia como predestinações clamorosas. Essa mesma indecifrável Providencia, que pela segunda vez assenta no throno portuguez um duque de Beja com o nome baptismal de Manuel, pelo preço carissimo de um desastre imprevisito, ha de fazer ainda recordar a obstinação com que, por occasião do nascimento do desventurado principe D. Luiz Filippe, a avó paterna rogava se lhe dêsse o nome venturoso de Manuel...



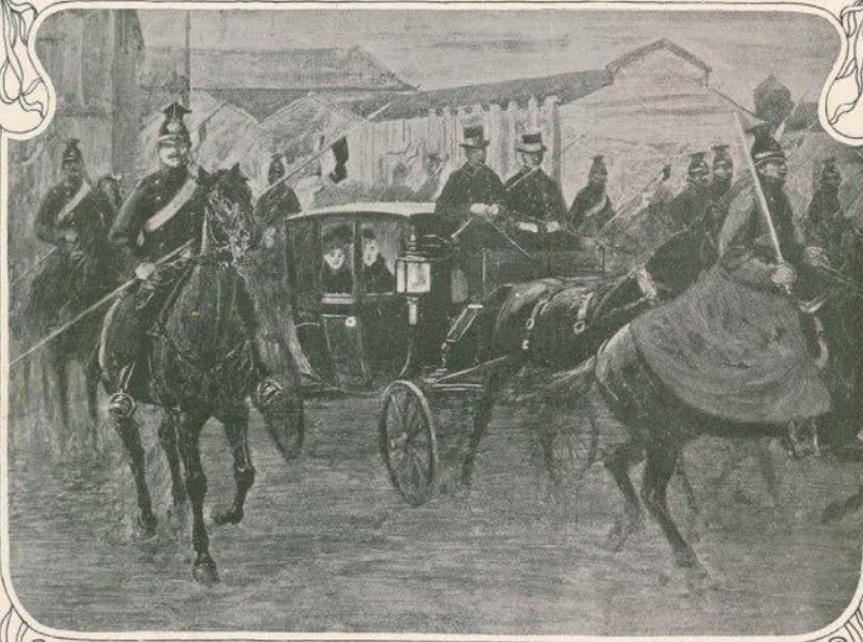
A caminho da morte
O desembarque d'El-Rei D. Carlos na estação do Terreiro do Paço, ás 5 horas
e 10 minutos da tarde de 1 de fevereiro
(CLICHE DE BENJELIE)

grisalha, José Maria de Tavora subindo a escada tragica com as suas meias de seda côr de perola, o duque d'Aveiro—o terceiro duque atirado ao cadafalso em pouco mais de tres seculos de Historia!—rugindo de dôr sob as furiosas marteladas com que o carrasco inhabil lhe esmigalhava os ossos... E houve, na hora terrivel, quem olvidasse, na excitação perturbadora dos anathemas, o bom D. Duarte morrendo de um mal suspeito e mysterioso, o sombrio D. João II morrendo envenenado em Alvôr, o inoffensivo D. João VI morrendo envenenado na Bemposta, depois da merenda de Belem... Houve quem esquecesse, perante o crime dos plebeus, o crime contumaz da nobreza, attentando durante seculos contra o despotismo dos soberanos de direito divino, n'um duello mortifero que só terminou nos estrebuchos apavorantes de Belem... Quão longa será essa *réverie* do historiador, invocando todos os

E' ainda demasiado cedo para narrar os acontecimentos que precederam e prepararam a tragedia de 1 de fevereiro. Mas a Historia ha de falar, desmascarando os maiores responsaveis d'esse desenlace cruento. A Historia dirá que em Portugal, como em qualquer outra nação, hoje, como hontem, como amanhã, os conflictos politicos da natureza d'aquella que a dictadura creára, se liquidam sempre, infallivelmente, pelo hediondo crime individual que se chama o attentado, ou pelo desviado crime colectivo que se chama a revolução. Em todos os dramas de justiça ha um jury que classifica o delicto, um juiz que profere a sentença e um carrasco que a executa. O Rei de Portugal encontrou no Terreiro do Paço os seus algozes. Quem o levou porem ao patibulo? Certamente a Historia será severa para com o

estadista, probo mas desatinado, que involuntariamente conduziu o Rei ao cadafalso da praça publica. Mas não o será menos para com os homens que lhe prepararam o advento e lhe animaram os erros fataes com o estimulo dos applausos. Não tenhamos pressa. A Historia falará, sentando no banco dos reus, por sua vez, aquelles que hoje vestem a toga de accusadores. De nada lhes vale dissimular o delicto com seus prantos de carpideiras. A Historia falará! Justiça,

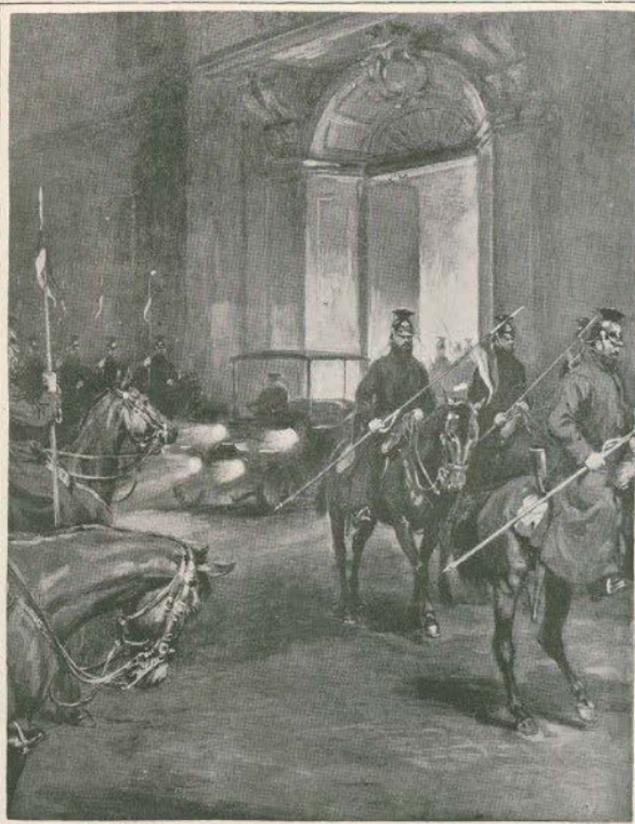
do pela posteridade com o respeito devido ás intenções patrioticas que presidiram aos derradeiros actos do seu reinado. Accusado de uma abstenção politica, publicamente alcunhada de criminosa, a sua intervenção tardia nos negocios publicos notabilisa-se desde o primeiro instante pela mais indiscutida coragem individual. Desde que delibera abandonar a irresponsabilidade commoda da ficção constitucional, ninguem o vê occultar-se atraz dos seus ministros. Uma vez entrado na lucta, é o



El-Rei D. Manuel e as Rainhas viúvas, acompanhadas do mordomo-mór conde de Sabugosa, saindo do Arsenal a caminho do Paço das Necessidades
(COMPOZIÇÃO DE H. M. PAGET, NO «GRAPHIC» DE 15 DE FEVEREIRO)

sim, pôde começar a fazer-se á victima real, impiedosamente immolada n'esse chão onde outr'ora se erguia o palacio de seus antepassados. Morreu no seu posto El-Rei. A phrase está dita e já estava feita. Ninguem ousou discutir a veracidade e a propriedade com que lh'a applicaram os breves necrologios que lhe dedicou a imprensa. Ha de mantel-a a Historia, indemnizando a sua memoria das injustiças dos contemporaneos. Soldado, elle deu ao exercito um exemplo nobilissimo de coragem. Rei, elle deu aos politicos um fecundo exemplo de civismo. Pôde ter sido errada — e monstruosamente o foi — a orientação que um conselheiro leal mas incompetente lhe deu a partilhar. Mas o erro pagou-o crudelissimamente. A sua morte tragica por demasiado lhe concede o direito de ser julga-

chefe temerario que se expõe a todos os perigos, sem reluctancia e sem hesitação. A sua farda militar nunca a envergonhou com uma pusillanimidade, antes a ennobrecou sempre com a sua bravura serena. Essa farda foi a sua mortalha. Quando da carruagem transportaram o seu pesado corpo para a enxerga da casa dos curativos do Arsenal, o seu sangue tinha-a banhado em golfadas copiosas. Ao passo que a Rainha, ainda na ignorancia da sua viuvez, era levada com o Infante D. Manuel para a casa da Balança, aquelles que haviam tirado do *landau* o corpo do monarcha constatavam que conduziam apenas um cadaver quasi frio... Ao Principe Real restavam talvez ainda alguns alentos de vida. Mas o coração já não pulsava. Apenas se as pupillas pareciam ainda sensiveis á luz.



O Arsenal de Marinha, guardado
pela cavallaria na noite do attentado
(COMPOSIÇÃO DE FRANK DADD, NO "GRAPHIC"
DE 15 DE FEVEREIRO)

Curvado sobre a maca onde o tinham de-
posto, o medico Antonio Bossa allumiou
com um phosphoro as ruinas sanguinolentas
do rosto formoso do Principe. Pareceu-lhe
então que as pupillas se dilatavam. Pouco
tardou porém que se desvanecesse essa es-
sa esperança derradeira. A mesma experien-
cia, instantes depois repetida, mostrava, sob
as palpebras violáceas, o olhar immovel e vitreo,
que a morte apagara para sempre...

Iam entrando no Arsenal os dignitarios da
côrte, que a noticia do attentado alcançara na
estação do Terreiro do Paço e immedições. O
conde de Sabugosa, que fôra um dos primeiros
a chegar, a custo reprimia as lagrimas que o
suffocavam. O tenente Francisco Figueira, gra-
vemente ferido, atirava-se de joelhos ante a
enxerga do Rei, que a sua intrepidez não conse-
guira salvar. O visconde da Asseca chorava á
cabeceira do Principe, que nunca mais, como

seu camarista, des-
amparou. O marquez
de Soveral, acudindo
do ministerio dos
estrangeiros, beijava
a face sanguinolenta
do soberano...

A noite, caindo
apressadamente, co-
meçava envolvendo
nos seus crepes o
scenario estranho
d'aquelle ultimo acto
da tragedia: os di-
ques, as officinas, os
vastos terreiros sul-
cados de rails, onde
se projectavam as
sombas das cabreas
e guindastes e a
mastreação dos na-
vios, subindo na es-
maecida luz crepus-
cular, de entre o mur-
murio brando das
aguas. Em redor do
Arsenal principiava
a ouvir-se o tropear
da cavallaria. Ao
longe soavam tres-
malhados clarins,
chamando os solda-
dos a quartéis...

Abraçado á Rai-
nha, que mantinha
a mesma expressão
dramatica de eston-
teado terror com que
se erguera na car-
ruagem real, corajo-
samente exposta ás
balas, para defender
dos assassinos o ma-
do

rido e os filhos, D. Manuel, insensível ás
dôres do seu braço ferido, tentava apaziguar
o mudo desespero da Mãe, que inquieta-
mente aguardava a temida sentença, que o
seu alarmado coração presagiava.

A noticia do ferimento do Infante tinha
entretanto chegado até aos medicos que pro-
cediam á funebre toilette dos cadaveres, pro-
curando estancar as hemorragias copiosas
que inundavam de sangue os dois corpos
reaes; e o dr. Bossa appareceu na casa da
Balança,

— Então? — pergunta ansiosamente, avançando
para o medico, a Rainha.

— Minha Senhora, Sua Alteza está ferido e é
necessario tratal-o...

A Rainha inclina a cabeça, comprehendendo
que a noite lhe está vestindo já os crepes de
viuva e que só lhe resta aquelle filho querido.
Brandamente, ella diz:

— E' preciso vêr, Manuel...

Auxiliado pelo marquez de Lavradio, o me-
dico põe a descoberto o braço ensanguentado do
Infante, onde, pouco acima do cotovello, uma

ferida contundente, dilacerando os tecidos, sem contudo penetrar na espessura do musculo.

— Não é grave, doutor?

— Apenas uma echymose, minha Senhora...

A rainha ergue para os céos, n'uma oração silenciosa, os olhos mais alliviados de angustia, e encaminha-se, resoluta, para a porta.

— Para que vae Vossa Magestade?... — pergunta a voz apiedada e afflicta de um dignitario.

— Vou vê-los!

E ninguém ousa impedir o passo áquella esposa a quem mataram o marido; áquella mãe a quem massacraram o filho. No crepusculo, o seu grande vulto parece ainda engrandecer-se...

Mas eis que de repente, a meio do caminho, outro vulto real lhe surge pela frente. Pallida, como uma figura de tragedia, a Rainha D. Maria Pia avança para a sua nora, com um doloroso grito.

— *On a tué mon fils?!*

— *Et le mien!* — responde, n'um pregão clamoroso de desdita, a rainha D. Amelia.

— *Et le tien aussi?!*

E as duas mães caem nos braços, unindo no lance do martyrio o valoroso coração dos Saboyas ao leal coração dos Orléans.

Então, amparado ao braço do Marquez do Lavradio, o novo Rei de Portugal apparece deante do ministerio e da corte, com a sua mocidade innocente, como se a propria Providencia o trouxesse, assim immaculado, penhor da concordia e da paz, para apaziguar todas as luctas, aplacar todos os odios, debellar todos os males!

Taciturno, o conselheiro João Franco olha aquelle adolescente, que é o desenlace previsto da sua dictadura. O constrangimento e a dôr emmudecem os espectadores d'aquelle drama pungente. Todos comprehendem que é necessario baixar o panno sobre aquelle acto pathetico e fazer recolher ás Necessidades os martyrisados sobreviventes da tragedia. Já a carruagem aguarda, com a escolta de cavallaria; e é noite escura quando os restos da familia real portugueza retomam, atravez a cidade vigiada pelas tropas, o caminho do paço, interrompido pelos tiros mortaes dos regicidas. As duas Rainhas viuas vão caladas, como duas mudas... Ao lado

do Rei ferido, o conde de Sabugosa, mordomo-mór, silenciosamente rememora o nascimento do novo soberano, que o destino vinha de coroar com as mãos ensanguentadas, e que ha dezoito annos elle levára á pia baptismal, envolto em rendas brancas, como em pennngens angelicas de azas...

De repente, entre o estropear da cavallaria e o tinir das espadas, soam as cornetas. A guarda apresenta armas. A carruagem entra no claustro do palacio, onde as grandes palmeiras rumorejam ao vento, e duas viuas descem, seguidas por um Rei que tres horas antes d'ali saíra Infante. Os creados soluçam no vestibulo e pelas escadas. Da ante-câmara, da sala da Tocha e da sala dos Marechaes vem um borborinho de vozes e de prantos.

O conde de Tattenbach, ministro da Allemanha, adianta-se ao encontro das Rainhas, que sobem os dois lanços de escadas, succumbidas, o olhar ainda dilatado de terror e de espanto. E o funebre cortejo atravessa as salas, entre o manso alarido das lamentações, ao claro das serpentinas e dos lustres accesos. São as damas da corte que choram; são os politicos que empalidecem...

Em todos os espiritos pou-dão sa a duvida inquietante pelo dia de amanhã, a incerteza do que vae succeder na continuidade terrivel d'aquelle imprevisto lance de tragedia. Um Rei de dezoito annos, successor d'aquelle outro Rei risonho e forte, vagueia pelas salas em convulsões nervosas de soluços, e como a propria figura symbolica e magestosa da Desventura, com as mãos entumecidas de veias azulas cahidas no regaço, a Avó contempla o neto com uma immobilidade pensativa, curvada ante aquelle impiedoso destino que em ferozes gestos homicidas lhe dizima a familia, recordando talvez o inicio agouroso da sua realza, succedendo á mysteriosa hecatombe dos cunhadoss...

Mas no Arsenal, estendidos n'uma enxerga e n'uma maca, outros dois Reis esperam, inermes e lividos, cobertos, como guerreiros mortos em



S. M. El-Rei D. Luiz II

34.º Rei de Portugal

(CLICHÉ BOBONE)

combate, com as
mortalias marciaes
das bandeiras.

O mordomo-mór não acabou ainda de cumprir a sua lugubre tarefa. Uma hora depois, com o mesmo apparato militar, através a cidade deserta, por onde resôa o tropel vigilante das patrulhas, elle conduz ás Necessidades os despojos mortaes d'aquelles que a Sorte indicára com o seu dedo sinistro. Caminham a passo as carruagens. Sobre pranchas que repousam nas almofadas dos *landaus*, estenderam-se os corpos, recobertos pelas bandeiras, que arras-

contagioso alarme contém em sobresalto todos os corações, em volta do monarcha adolescente, que a Providencia poupou para a perpetuação da dynastia. A cada momento, á porta, que nenhuma pragmatica intercepta, assomam os dignitarios e os politicos: todos os que pela manhã ainda combatiam o Rei, todos os que, ainda horas antes, sustentavam o dictador e lhe applaudiam as provocações fataes e as violencias este-reis.

— Não! Chamem-me ainda Alteza, como d'antes... — diz D. Manuel a



A sala das Damas, no Paço das Necessidades, na noite da proclamação, em 1832. (CLICHÉ DE

des, onde El-Rei D. Manuel assignou a sua de 1 de febreiro BENOLIEL)

tam no tapete. Á cabeceira de D. Carlos, senta-se o conde de Sabugosa; em frente, o ajudante de campo Charters d'Azevedo. Á de D. Luiz Filippe vae o visconde da Asseca; em frente, o marquez do Lavradio. A cada solavanco, os cadaveres, sob as bandeiras, estremeceem, como se diligenciassem libertar-se do abraço asphixiante da morte. Nas subidas mais ingremes, os corpos inertes suavemente deslisam na obliquidade das pranchas, para de novo escorregarem em sentido inverso no pendor das descidas.

Entretanto, no paço cercado de tropas, o

quantos se lhe acercam com o tratamento real de Magestade.

Mas é preciso ser real As dez da noite, na sala das Damas, contigua á sala Vermelha e á sala dos Marechaes, o conselheiro João Franco apresenta lhe a proclamação redigida no conselho de ministros, que acaba de reunir-se no ministerio da guerra. E pela primeira vez, depois de volvidos quasi quatro seculos, o soberano de Portugal assigna novamente um documento real com a firma venturosa de Manuel...

(Continúa)

C. MALHEIRO DIAS.

Errata—Um erro de paginação tornou illisivel o fragmento inferior da 1.ª columna da 2.ª pagina do presente artigo. As seis primeiras linhas, principiando em *os protestos da collectividade*, devem intercalar-se na linha 21.ª, depois da palavra *consubstanciava*.

UMA SESSÃO SOLEMNE NA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA
A HOMENAGEM AOS VENCEDORES DO CUAMATO



S. M. El-Rei presidindo á sessão, com o sr. infante D. Affonso—Um aspecto da sala. A' direita vê-se o tenente coronel Roçadas lendo o seu discurso

(CLICHÉ DE RENOLIEL.)

X CONFERENCIA TELEGRAPHICA GARDEN-PARTY EM CARCAVELLOS



UMA das festas oferecidas a semana passada aos delegados da conferencia telegraphica internacional, e das que lhes devem ter deixado mais agradável impressão de certo, foi a *garden party* que se realisona na Quinta Nova, de Carcavellos, promovida por sir Devisen Pender, director do cabo submarino, e a que concorreram muitas senhoras da nossa



O sr. Alfredo Pereira brindando aos reis de Inglaterra—O sr. Wyse, director da estação de Carcavellos, e lord Pender, director da companhia, brindando a El-Rei
—O sr. Eduardo Pinto Basto brindando—Uma parte da assistencia á garden party
—O sr. dr. Ilibéré da Cunha, ministro do Brazil, e o delegado do mesmo país—Os delegados chineses



sociedade elegante e da colonia inglesa em Lisboa.

Os diversos jogos de *sport* alcançaram verdadeiro successo, especialmente o dos ovos, em que tomaram parte algumas senhoras inglezas, e o da corrida de gericos,

não só pelos costumes phantasticos dos corretores, como pelas hilariantes peripecias a que deu origem. Durante a festa tocou, na *hall* da entrada, um sextetto de guitarristas, e no campo de cricket, onde se realisaram os jogos, a banda da guarda municipal.



Uma jogadora—Corrida do ovo—Corriaa de gericos—Antes da partida de saccos
—Lucta ds cavallitas

(CLICHÉS DE RENOLIEL)

A MANIFESTAÇÃO MONÁRCHICA DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Os estudantes de Coimbra saindo da estação do Pócio
— A' porta da estação dos caminhos de ferro



*Tumultos á saída da estação
—Manifestantes esperando os estudantes de Coimbra
—No Rocio, em frente á tabacaria Neves*

Em grande numero os estudantes de Coimbra chegaram a Lisboa, na manhã de quarta feira 27 do mez passado, para saudarem o novo soberano. Na gare do Rocio e nas suas immediações accumulou-se uma enorme concorrência, constituída na sua maioria pelo elemento escolar da capital. N'este predominavam duas correntes absolutamente antagonicas, porém. Iam uns receber affectuosamente os seus camaradas da Universidade e acompanhal-os na jornada ao paço das Necessidades; outros para realizar uma contra-manifestação, tomando como principal pretexto para ella os incidentes da greve do anno passado. Resultou de semelhante circumstancia produzirem-se alguns conflictos, aliás de pequena consequencia, quer á saída da estação, quer durante o percurso do cortejo a academico, quando se dirigiu, de tarde,



a pé, ao palacio real. Em contraposição, as senhoras que enchiam as janellas das principaes ruas do itinerario lançavam flôres sobre os estudantes, acenavam com os lenços e davam-lhes enthu-siasticas palmas.

A manifestação academica no largo das Necessidades, completamente apinhado de gente, que se associou ás ruidosas acclamações dos estudantes, assumiu um cara-



Uma prisão no largo de Quintella: em frente ao palacio do sr. dr. Carvalho Monteiro
 —A caminho do Paço; entrando no Chiado (Nas janellas as senhoras acclamam os estudantes)—No largo das Duas Igrejas



*Diversos aspectos do trajecto a caminho do Paço, tirados na rua do Alecrim
— Os estudantes e a multidão*



A caminho do Paço: no Aterro, em frente ao mercado
—No jardim de Santos
—Ovação ao exercito, á passagem pelo quartel de infantaria 2 nas Janelas Verdes



Descendo a Pampulha
— *No Paço das Necessidades*
— *No Paço das Necessidades: outro aspecto do grupo dos estudantes*



O reitor, os representantes das faculdades, que acompanharam os estudantes e o estudante que leu a mensagem

cter verdadeiramente imponente, prolongando-se o vivas a El-Rei e á familia real por bastante tempo e sempre com o maior calor.

S. M. El-rei recebeu, tanto os estudantes de Coimbra como as deputações dos lyceus e de varias escolas de Lisboa, na sala do throno, affirmando a todos ter tido grande prazer com a manifestação da academia.

A' noite os estudantes de Coimbra assistiram quasi todos ao espectáculo do theatro D. Amelia, e dois d'elles proferiram ahi discursos agradecendo ás senhoras e aos estudantes da capital a recepção que lhes tinham feito. Depois de terminado o espectáculo, que decorreu sem mais incidente, os academicos com-nimbricenses dirigiram-se para a estação do caminho de

ferro a tomar o comboio especial em que deviam regressar, acompanhando-os até á gare muitos estudantes de Lisboa.

No Chiado foram-lhes feitas diversas manifestações de sympathia em frente das tres sociedades sportivas que ali teem as suas sêdes, produzindo-se tambem durante o trajecto mais alguns outros incidentes similares aos occorridos de manhã e de tarde, todos, contudo, sem importancia de maior.

Estes acontecimentos tiveram, como se sabe, echo nas duas casas do parlamento e originaram ainda, depois, uma reunião de varios estudantes de Lisboa.

Deve, contudo, considerar-se o assumpto, presente-mente, como liquidado.

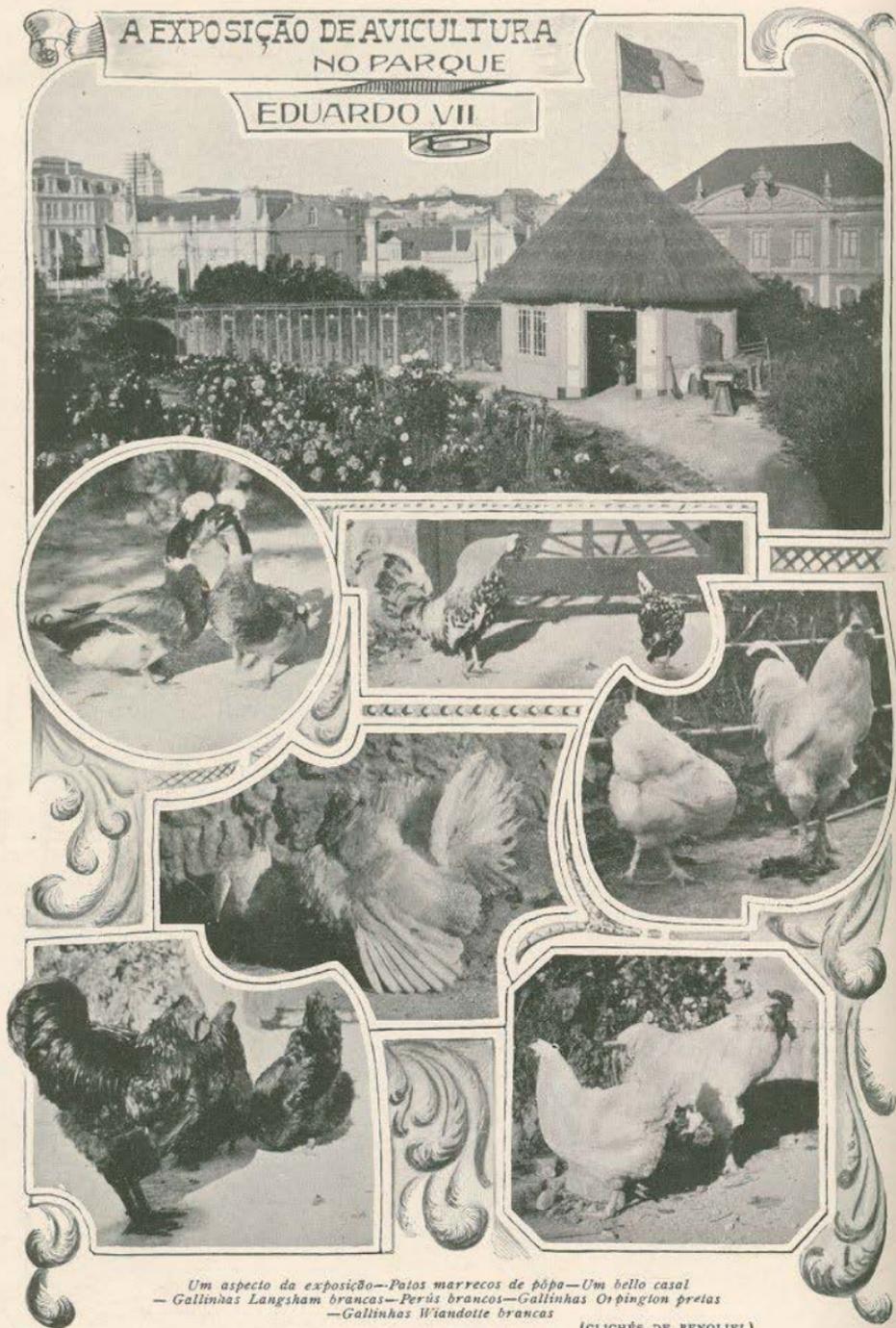


S. M. El-Rei e a Rainha D. Amelia á janella do Paço agradecendo as manifestações

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

A EXPOSIÇÃO DE AVICULTURA
NO PARQUE

EDUARDO VII



Um aspecto da exposição—Patos marrecos de pópa—Um bello casal
—Gallinhas Langsham brancas—Perús brancos—Gallinhas Orpington pretas
—Gallinhas Wiandotte brancas

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

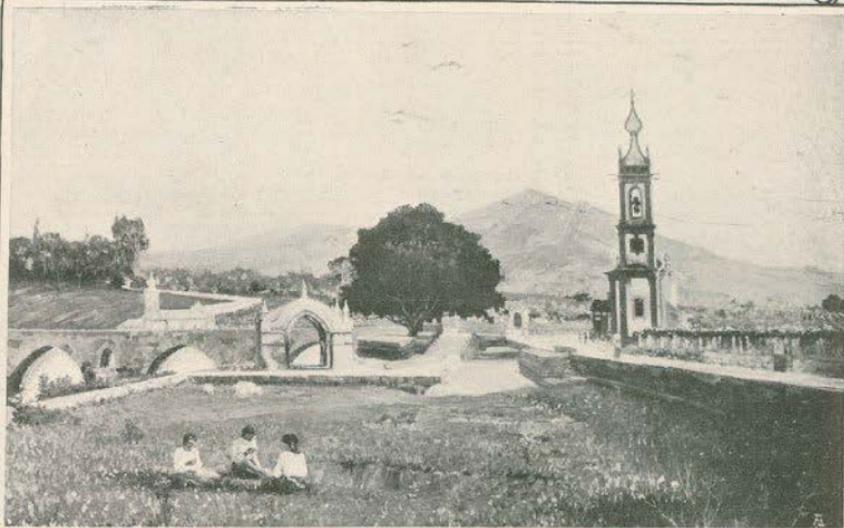
DOIS ARTISTAS PORTUENSES

O PAIZAGISTA
ARTHUR LOUREIRO
E O ESCULTOR
FERNANDES DE SÁ



to fama merecida, pelas superiores qualidades do temperamento artistico que revelam. Os seus novos quadros agora expostos não fizeram mais que confirmar a sua reputação, e em um d'elles, que é um magnifico estudo de figura, vê-se tambem que o pintor não desmerece em nada do seu valor quando por acaso abandona a paizagem para fazer uma excursão em outro genero.

Os trabalhos apresentados por Fernandes Sá são tambem a revelação bastante lisonjeira de um artista a quem está reservado um brilhante futuro.



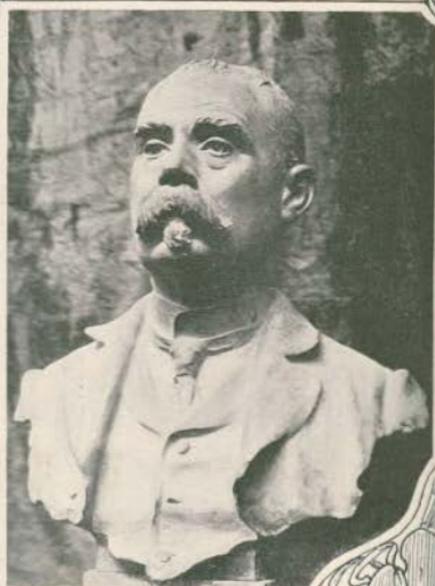
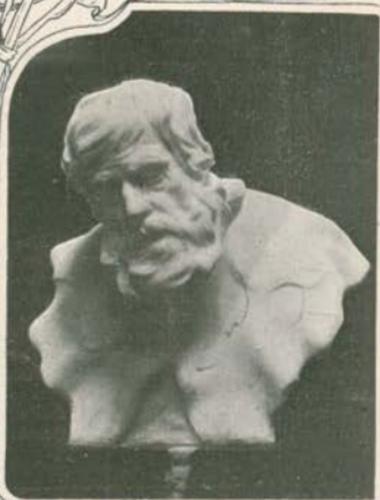
Desafio, marmore de Fernandes de Sá — Arnado, (Ponte de Lima), quadro de Arthur Loureiro

REALISOU-SE no Porto, no mez findo, uma bella exposiçã artistica comprehendendo não só quadros de Arthur Loureiro, como tambem alguns trabalhos de estaturaria de Fernandes de Sá.

Arthur Loureiro é já um paizagista consagrado, cujas obras adquiriram de ha mui-



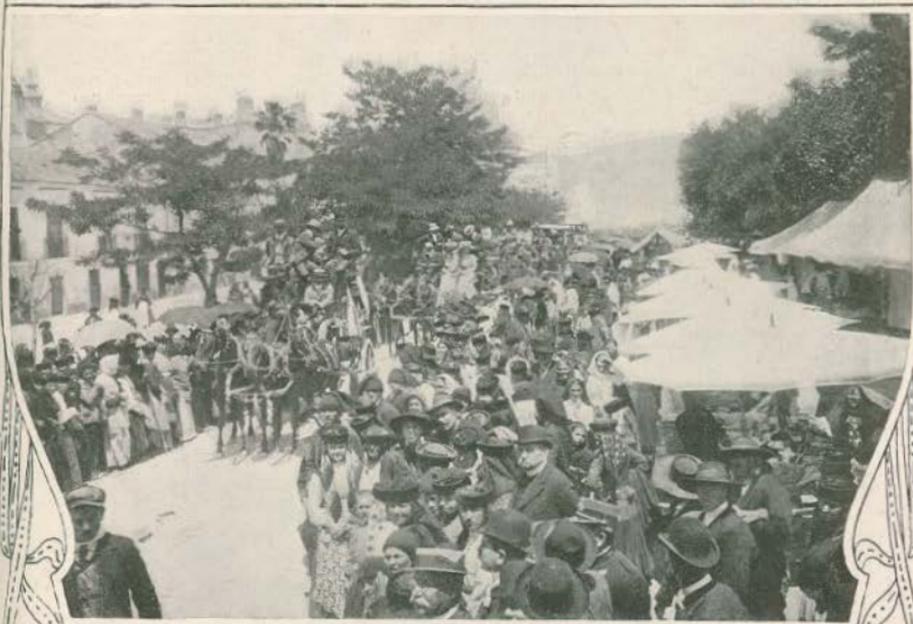
Rio Leça, quadro de Arthur Loureiro



Caminheiro, marmore de Fernandes de Sá
—Viuva de pescador, quadro de Arthur Loureiro—Velha, busto em bronze
de Fernandes de Sá—Busto em bronze do sr. Pinto dos Santos, por Fernandes de Sá
(PHOTOGRAPHIAS DE CARLOS FERREIRA CARDOSO)



A 10ª CONFERENCIA TELEGRAPHICA INTERNACIONAL
A VISITA A BATALHA



A partida da Batalha—Os congressistas na passagem por Leiria



UMA das excursões que mais funda impressão dever deixado no espirito dos membros da 10.ª conferencia telegraphica internacional, actualmente reunida em Lisboa, foi por certo a realisada, no penultimo domingo do mez findo, a Leiria e á Batalha.

Como nos outros pontos que teem visitado, receberam os nossos hospedes, na Batalha, a cordealissima recepção, com que naturalmente nos cumpria acolhel-os, apresentando a villa um aspecto de excepcional animação; mas foi sobretudo, como se pensa, a contemplação do admiravel monumento commemorativo de uma das nossas mais famosas glorias militares e maravilhosa reliquia da architectura gothica em Portugal, o que mais intensamente os impressionou. Nenhum dos congressistas deixou de manifestar o seu enthusiasmo e admiração

pela visita ao mosteiro, confessando que o grandioso monumento excedera a sua expectativa.



Nes claustros do convento: A presidencia do bençuel.—O delegado da Franca
—O almoço no claustro da Batalha.
—O delegado da Inglaterra.



Grupo geral dos congressistas nas capellas imperfeitas

(CLICHÉS DE BENOLIEL)

FIGURAS E FACTOS



Espada de honra oferecida ao governador do distrito de Benguelia, modelada pelo sr. Fernandes de Sá



Dr. José de Bessa e Menezes, o benemerito fundador da Escola Model Agricola do concelho de Barcellos e cujo retrato vem hoje completar a illustração indispensavel do notavel artigo que, devido á pena de Bento Carqueja, publicamos no n.º 110

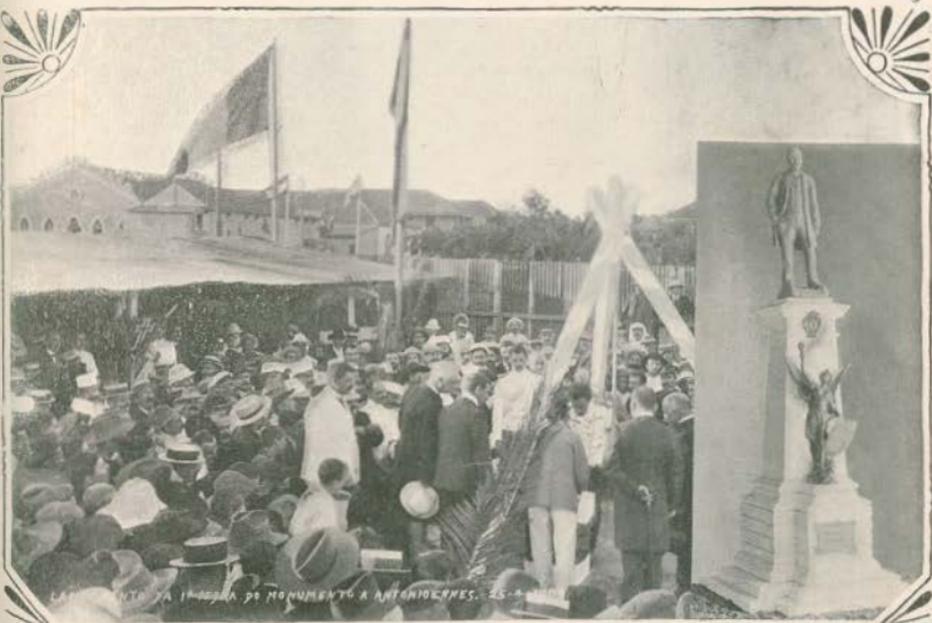


La Vague, quadro de Seignac, exposto no Salon de Paris e adquirido pelo sr. Carlos Blanch

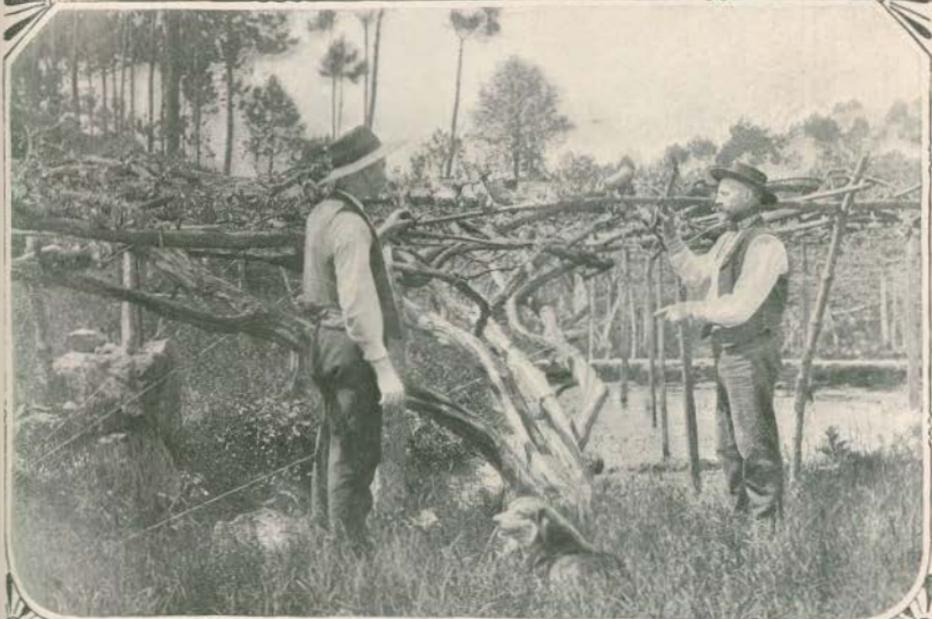


Coronel Antonio Clemente Ribeiro de Bittencourt, eleito governador do Estado do Amazonas, e que deve tomar posse em 23 de julho proximo

FIGURAS E FACTOS



—O momento da primeira pedra para o monumento a Antonio Ennes, em Lourenço Marques.



Cerimonia do lançamento da primeira pedra para o monumento a Antonio Ennes, em Lourenço Marques
 —O monumento a Antonio Ennes (CLICHÉ DE J. & N. LAGARUS, DE LOURENÇO MARQUES)
 —Uma videira monstro: Esta videira existente na quinta do sr. Manuel Francisco Ferreira Junior, em Villar do Paraíso, cobre uma area superior a 400 metros quadrados e produz anualmente entre 30 a 40 almudes de vinho (CLICHÉ DO SR. FRANCISCO COIMBRA)

VISITA DE S. M. EL-REI
AO REGIMENTO DE LANCEIROS 2



S. M. El-Rei, acompanhado pelos srs. ministro da guerra e commandante da divisão, no quartel de lanceiros n.º 2, com o commandante e officialidade d'aquelle regimento, por occasião da sua visita no dia 25 de maio de 1905 (CLICHÉ DE BENOLIEL)

COMPREM AS Sedas suissas

PECAM as amostras das nossas Sedas Novidades em preto, branco ou cor, de 1 fr. 20 a 18 fr. 50 o metro. Especialidades: estofados de seda para trajes de passeio de casamento, de baile e de soirée, assim como para blusas, forros, etc. Vendemos directamente aos consumidores e as nossas sedas garantidas solidas e envolam-se aos domicilios francas de porte.

EXPORTAÇÃO DE SEDAS
SCHWEIZER & C.^a
Lucerne E. H. (Suissa)

Gaston Lot

PROTHESE DENTARIA
EXTRACÇÃO de dentes com dor desde 40 fr. Colocação de dentes desde 1500 réis.
Consultorio cirurgico-dentario, R. das Chagas, 42,1.
(Ao Calhariz)
TELEPHONE 11882



SEIOS

Desenvolvidos. Reconstituídos. Alfirmoados. Fortificados com as "Pílules Orientales"
O unico producto que em dois meses assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar dano algum a saúde. — Aprovado pelas notabilidades medicas.

J. P. Bastos & C.^a 39, Rua Augusta, Lisboa.
Franco com instruções reias 1500 franco, para valle do correio enviado a: J. P. Bastos & C.^a 39, Rua Augusta, Lisboa.

NOVO DIAMANTE AMERICANO

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica que sem **NÃO CONFUNDIR** luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Armeis e alfinetes a 500 réis, broches a 800 réis, brincos a 1500 réis — a nossa casa — réis o par. Lindos collares de perolas a 18000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. 96, RUA DE SANTA JUSTA (junto ao elevador).

ALIMENTO DELICIOSO! BANANINE MIALHE

Farinha de Bananas esterilizada chocolateada e phosphatada
Recomendada aos estomagos delicados
CRIANÇAS - CONVALESCENTES - VELHOS
Farmacia do D. MIALHE,
PROFESSOR NA FACULDADE DE MEDICINA
8, rue Favart, PARIS

As GOTTAS CONCENTRADAS de **FERRO BRAVAIS**
São o mais efficaz remedio contra **ANEMIA**
CHLOROSE, CORES PALLIDAS
Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os medicos do mundo
Não constipa o ventre. Não enegrece os dentes. — Usar sem interrupção
SAÚDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA
DESCONTAR DAS IMITACÕES
30 se vende em GOTTAS e em PÍLULES
FARM. PARVILLAS em BRUXELLES. — Depoita: 130, Rue Lafayette, PARIS.

BELEZA DO ROSTO
O LEITE ANTEPHELICO ou Leite Candêdo
para os misturados com agua, dissipa a humidade, e dá a tez clara e brilhante a cutis áspera e áspera.
Pimples-Rubras, Borbulhas, Rosto Sarrubilhento e Acne.
Conserve-se a cutis áspera e áspera.
LIMONIA, PAIS
1860 1860
1914 1914
1914 1914
1914 1914

Farinha **Nestlé**
lactea
Preço 400 réis
36 medalhas de ouro incluindo a conferida
***** na Exposição Agrícola de Lisboa *****

Só não tem cabelo nem barba quem quer!!



FAZEMOS NASCER cabelo nos calvos e barba aos sem ella em 20 a 24 dias. Garante-se que não é nocivo. Remette-se com toda a discreção.
Muita gente, velha e nova, em todo o mundo, deve nos a barba bonita e o cabelo abundante. Temos levado com o nosso balsemo Mootoy a afeicção a milhares e milhares de pessoas. Um grande inventor recorreu a nós pedindo o nosso auxilio e não se correu de mãos dadas. Homens notáveis e não notáveis, todos nos tem vindo pedir o nosso conselho. Em todos os paizes da Europa e America, em muitos logares da Africa e da Australia e o nosso Mootoy conhecido e apreciado. Póde-e por isso dizer, com verdade, que goza de fama universal.

O preço para o Mootoy é de 25515 réis por porção (uma porção chega para fillamento). O preço de a porções, uma para a barba e outra para o cabelo o, tem o preço especial de 48420 rs.
Com cada porção vae um CERTIFICADO DE GARANTIA pelo qual nos obramos a dar outra vez o dinheiro recebido, se o resultado for resultado algum.

Se fato não for verdade pagamos ao comprador a quantia de 300000 (trezentos mil réis).
Para prevenção contra as imitações e falsos remedios fazemos notar que todos os pacotes tem escripta a palavra Mootoy.
E via-se diariamente para todas as partes, mesmo para as mais afastadas, com a explicação clara da mane ra de ser usado e com o certificado de garantia, em portuguez, contra pagamento adiantado ou pagamento pelo correio no acto da entrega.
A's praças do exercito do ultimar só se envia o Mootoy se a ordem vier acompanhada da respectiva quantia em cheque sobre a Europa ou por expedida por casas exportadoras de Hamburgo.
MOOTOY DEPT, Dinar Koofstor, 3, Hamburgo, 133.
O maior e mais importante estabelecimento da especialidade na Europa.

LOCAO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS
Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio de Calvicio e todas as afeicções do couro cabeludo.
L. DEQUEANT, Pharmacia 39, Rue Clignancourt, Paris.
Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, h quem tiveres de dirigir para todas as informações gratuitas.
A VENDA em TODAS AS DOLLAS CASAS de PORTUGAL.

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonymsa de responsabilidade limitada.— Proprietaria das fabricas do PRADO, MARIANAIA e SOBRETERINHO (THOMAS), PENEDO e CASAL D'HERMIO (LOUZÉ), VALLE MAIOR (Albergaria-a-Velha), Escriptorios e depositos: 270, Rua do Principeza, 276— LISBOA. No PORTO: Rua de Russos Manuel, 49 e 51. Endereço telegraphico e Lisboa, Companhia Prado, Prado—Porto—Lisboa. Numero telephonico: 405.

DISPONIVEL

BIBENDUM NA SICILIA (Italia)

Taça das Voiturettes de Sicilia

300 KILOMETROS

- 1.º — **GUIPONE** Lion Peugeot
2.º — **CAMARATA** De Dion

10 DE MAIO DE 1908

- 3.º — **TASCA** de Dion
4.º — **AIROLDI** de Dion

TARGA FRORIO

446 KILOMETROS

- 1.º — **TRUGCO** Isotta Fraschini
2.º — **LANCIA** F. I. A. T.
3.º — **GEIRANO** S. P. A.

18 DE MAIO DE 1908

- 4.º — **PORPORATO** Berliet
5.º — **GIOVANZANI** Isotta Fraschini
7.º — **PEZZAGALLI** Itala

Todos estes carros levavam **PNEUMATICOS**



MICHELIN

DEPOSITARIOS EM PORTUGAL:

OLIVEIRA & C.—Avenida Navarro, Coimbra.
ALBERT BEAUVALET & C.—Praça dos Restauradores
(Avenida da Liberdade), Lisboa.

A. BLACK & C.—30, R. da Boa Vista, 32, Lisboa.
LAURENCEL & OLIVEIRA—88, Avenida D. Amélia, Lisboa.
RICARDO O'NEILL—Rua do Alecrim, 10, 3.º, Lisboa.
SOCIEDADE PORTUGUEZA DE AUTOMOVEIS LT.ª—Rua
Alexandre Herculano, Lisboa.

AUTO-LISBOA—Avenida da Liberdade, 28-48, Lisboa.

CENTRAL MOTOR STORE & GARAGE—193, Rua de
S. José, Lisboa.

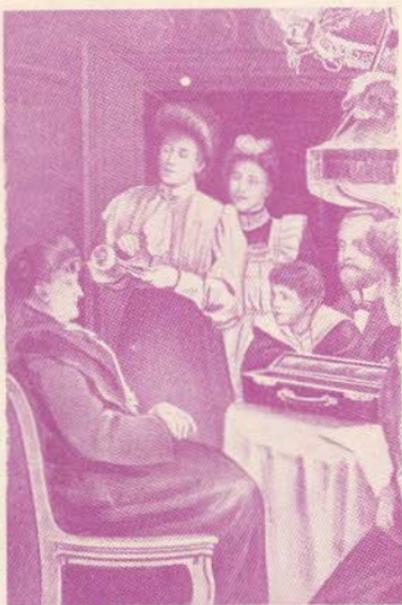
TEIXEIRA & IRMÃO—11, Poço do Borratim, Lisboa.
CASAL IRMÃOS & C.—14, R. de D. Carlos, 84, 1.º, Porto.
TEIXEIRA & IRMÃO—153, Rua de Sá da Bandeira, 157,
Porto.

EMPRESA PORTUENSE DE AUTOMOVEIS, LTD.ª—24, Rua
da Liberdade, 48, Porto.

JOÃO GARRIDO—16, Rua de Passos Manuel, 20, Porto.

UM NOVO MEDICO ESPECIALISTA EM FAMILIA

A Machina Vibratoria
que está asombrando o mundo inteiro com as
suas maravilhosas e curativas vibrações, é
usada em milhares de famílias. O catalogo illustra
do contendo milhares de attestações curvas, e gratis



M. L. DE MELLO—L. de S. Julião, 12, 1.º—LISBOA

Grape-Nuts

**Alimento racional
Reconstituente ce-
rebral**

NÃO PRECISA SER COZINHADO

Toda a gente deve experimentar

PEDIR NAS BOAS MERCEARIAS, PHARMACIAS
E PASTELARIAS

POSTUM CEREAL C.º U. E. A.

DIRECÇÃO EM PORTUGAL

ESTEVES & ANAHORY

Rua de S. Nicolau, 71, 2.º Telep. 1953

Descontos aos revendedores. Pedir prospectos